

# *Desenhos a lápis na poesia de Oleg Almeida*

Mirian de Carvalho

Poeta, ensaísta, tradutor, graduado em Letras, pós-graduado em Administração Financeira, Oleg Andréev Almeida nasceu na Bielorrússia em 1971 e reside no Brasil desde 2005. Entre os escritos de Oleg Almeida destacam-se os seguintes livros de poesias: *Memórias dum hiperbóreo* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008), *Quarta-feira de cinzas e outros poemas* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011), *Antologia cosmopolita* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013) e *Desenhos a lápis* (São Paulo: Scortecci, 2018). Seus dois primeiros livros foram objeto dos meus estudos no ensaio denominado *Carnavalização e ironia na arte poética de Oleg Almeida*<sup>1</sup>.

Posto que as quatro publicações se diversifiquem do ponto de vista temático e formal, a poética de Oleg Almeida apresenta unidade estilística e semântica e certo acordo imagístico de cunho recorrente e iterativo definindo uma poética do espaço. Se nos três primeiros livros há uma apreensão do espaço habitado, percorrido e imaginado pelo poeta ao focar diferenças entre a vida na Europa e na América, em *Desenhos a lápis* — que ora chega ao público neste ano de 2018 — Oleg reúne um conjunto de poemas que tangenciam fatos e vicissitudes da existência do homem no mundo contemporâneo nas cercanias da cidade de São Paulo.

A propósito do título do livro, *Desenhos a lápis*, lembremos que a arte de desenhar circunscreve pontos e toda sorte de traços finos, largos e intermediários, que podem surgir mais fortes ou mais leves, bem como — pela expansão e adição de riscos de várias espessuras e tamanhos deslizando entre superfícies e lugares de intensa profundidade — permite ao artista a criação de áreas e contrastes de luz e sombra. E, assim, ao registrar os meandros paulistanos, Oleg *desenha* palavras e imagens que ganham qualidades dos traços poéticos do desenhista.

Nesse desenho da cidade, o poeta insere espécie de hachuras em *sfumato* ao delinear nas entrelinhas certos contornos que assinalam o andamento do “mercado” no mundo da globalização. Em algumas cenas vistas em perspectiva, podemos identificar certas cores que deixam transparecer diferenças afetas ao chão do andarilho e ao do habitante. Diferenças entre os *Jardins* e outros bairros. Diferenças entre forças que impõem demarcações e fronteiras, em oposição a lugares abertos. Diferenças que marcam a opulência e a pobreza características dos planos inseridos na urbe contemporânea.

Ao realizar *desenho* plural, Oleg vivencia o burburinho e as lacunas da vida em diferentes circunstâncias. Nas malhas desse desenho, o leitor é convidado pelo poeta a visitar ruas, avenidas, prédios, lojas, praças, bairros e a respirar e transpirar junto a pessoas que percorrem e habitam São Paulo. Revelando percepção do sutil, o poeta sente cheiros, observa minúcias nos grafites, apreende simbolismos na ambiência dos bares, desloca-se nos meios de transporte e, em detalhes, observa cenas, trilhas, vielas e

---

<sup>1</sup> O ensaio intitulado *Carnavalização e ironia na arte poética de Oleg Almeida* foi, em 2012, agraciado pela União Brasileira de Escritores/RJ com o Prêmio Vianna Moog. Encontra-se disponível nas seguintes plataformas virtuais: ISSUU (Dinamarca), Calaméo (França) e Youblisher (Suíça).

fatos que não se mostram às claras nos espaços da metrópole. No percurso pela cidade, ele sente mudanças climáticas e desenha a suavidade da garoa e a força do vento e do aguaceiro. E não faltou a esse álbum de imagens a visão amorosa da paisagem, onde Oleg riscou sinuoso desenho do voo dos pombos na Praça da Sé, trazendo-lhe a memória do pai:

(...)  
E cada vez que os vejo,  
pássaros cheios de força e teimosia,  
parece-me de repente  
que o espírito de meu pai  
continua vivo num deles.<sup>2</sup>

Nos poemas reunidos em *Desenhos a lápis*, mostra-se pulsante a delicadeza do riscar fundo — na pele e nas vísceras da urbe — um mapa afetivo, por vezes, dolorido, diante das diferenças visíveis. Indo às causas que garatujam tantos contrastes, o poeta utiliza um esgrafito da palavra — usada como estilete — para mostrar camadas de cores soturnas escondidas no subsolo da cidade. Desse modo, indo às grandes diferenças sociais e financeiras que se localizam no subterrâneo do supermercado, ganha destaque o apelo esperançoso a tonalizar a fala poética:

(...)  
Vem cá, compadre,  
sapeco-me rápido um quilo de compaixão  
e um litro de amizade!<sup>3</sup>

Posto que visitante e andarilho de uma espécie de Babel dos dias de hoje — e assim o são todas as metrópoles —, o poeta em vários momentos recorre ao memorável lirismo dos trovadores para musicar mimosos desenhos que dedica à mulher amada, ao feitio das cantigas medievais:

Quando tu dormes assim, de lado,  
a mão direita contra meu peito  
e a esquerda entre os teus joelhos,  
quando um suave alento te escapa,  
(...)<sup>4</sup>

Observe-se que, do ponto de vista estilístico, os conflitos e contrastes urbanos — aos ofícios do lápis desenhando a vida e suas lacunas — transportam-se aos versos por meio de tensões semânticas e ideativas, que se ressaltam por meio de seleção vocabular perfeita e adequada aos versos, aos poemas e às imagens em visita ao cotidiano de São Paulo.

Em *Desenhos a lápis*, os lugares indicam reminiscências e expectativas atreladas à errância da linguagem entrelaçando o dizer e o existir. Para isso, atenta e ousada, por vezes coloquial, a linguagem funda lugares em que, de modo acentuado, se opõem áreas

---

<sup>2</sup> ALMEIDA, Oleg. *Desenhos a lápis*. São Paulo: Scortecci, 2018, p. 15.

<sup>3</sup> Idem, p.13.

<sup>4</sup> Idem, p. 70.

e atos de exclusão e acolhimento. Então, a poesia surge como expectativa à espera do leitor de imagens:

Sessenta e cinco desenhos a lápis,  
bem simples,  
quase sumários ...  
(...)<sup>5</sup>.

Oleg desenhou esses poemas como quem escreve na alma sentimentos e impressões do mundo onde nos deslocamos a esmo sem conhecer direções exatas. Nesse álbum de desenhos, ele reúne mitos antigos e atuais, ao receber das musas o dom poético e ao seguir a errância do grafite em esquiva da barbárie contemporânea.

Volto então à Praça da Sé. Desdizendo a neutralidade dos destinos e medidas apontados pelo Marco zero, os pombos voam em todas as direções. Eis que na metrópole os pássaros sobrevivem. E conseguem lutar:

Os pombos da Praça da Sé  
buscam suas migalhas  
e lutam pelo espaço  
com o profeta que vocifera na frente da catedral,  
(...)<sup>6</sup>.

Grande é a cidade. Imenso, o mundo. E a poesia, viageira das muitas possibilidades, acompanha o voo dos pombos na Praça da Sé. E, junto ao poeta, segue em frente, desenhando no chão o próximo verso.

Fonte: [www.digestivoblogs.com.br](http://www.digestivoblogs.com.br) (acesso em 13/04/18)

---

<sup>5</sup> Idem, p. 71.

<sup>6</sup> Idem, p 15.